

PSICOLOGIA GERAL

PSICOLOGIA DA SAÚDE

PSICOPATOLOGIA GERAL



Desenvolvimento Psicossocial Erik Erikson

RAMIRO VERISSIMO



Slim Books Series

Ficha Técnica

Referência

Veríssimo R. *Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson)*. Porto: Faculdade de Medicina do Porto, 2002.

Edição

© 2002, Ramiro Veríssimo

1ª Edição: 200 Ex.

Indexação

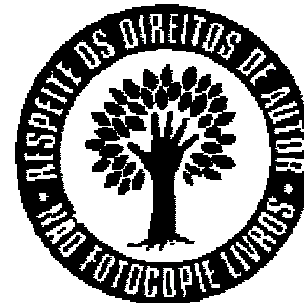
1. Psicologia do desenvolvimento. 2. Ciclo Vital. 3. Epigénese.

Execução / Publicação

RV Productions

Depósito Legal 183210/02

ISBN 972-9027-12-9



Correspondência: Prof. Doutor Ramiro Veríssimo

Psicologia Médica — Faculdade de Medicina do Porto / Al. Prof. Hernâni Monteiro / 4200-319 PORTO / Portugal

☎ + 351 22 502 3963 // 📠 + 351 22 551 9571 // 📞 + 351 96 501 7796 // ✉ rave@netcabo.pt

Objectivos

AO FINAL DEVERÁ SABER / SER CAPAZ DE:

- *Discutir sequencialmente, no processo de individuação, as oito fases do desenvolvimento psicossocial descritas por Erikson.*
- *Discutir a epigénese afectiva relativa a cada um dos sucessivos conflitos como condição fundamental para as principais crises que caracterizam o ciclo vital.*
- *Discutir o impacto dos processos diádicos precoces mais ou menos harmoniosos enquanto condicionantes da ulterior dinâmica do ego.*
- *Elucidar a importância decisiva das influências ambientais em relação à formação e / ou estabilidade da identidade; e designadamente ilustrando-o com recurso à antropologia cultural e à moratória psicossocial.*
- *Enunciar o que pode correr mal na epigénese da intimidade, e como.*
- *Reconhecer na biografia de Erikson o exemplo vivo da sua obra sobre o ciclo vital, relevando a crise enquanto oportunidade de explorar novas vias, bem como identificando a criatividade latente na rebeldia.*
- *Diferenciar a tónica posta na perspectiva de Erikson em relação à de Freud através do acrescido interesse, em termos de desenvolvimento do ego, resultante do reconhecimento da importância do fulcro conflitual agora deslocado dos imperativos biológicos para o meio externo.*
- *Perspectivar de que modo se retira primazia ao id passando a reconhecer a importância decisiva para a vida do indivíduo de um ego que se reconhece agora autónomo, e desde logo desenvolvendo-se a partir de um núcleo prototípico próprio, e comportando uma importante vertente de actividade cognitiva.*
- *Discutir de que modo o idoso para quem a vida faz sentido, se revê na criança, a quem propicia ambiente adequado a um crescimento saudável, e de que modo pode alcançar esse estado de espírito.*

ÍNDICE GERAL

| | |
|-------------------------------------|----|
| Objectivos | 3 |
| Sumário | 5 |
| Introdução | 7 |
| Ciclo Vital | 11 |
| Estádio sensorial | 13 |
| Desenvolvimento muscular | 15 |
| Controlo locomotor | 16 |
| Período de latência | 18 |
| Fase da moratória psicossocial | 19 |
| Maioridade jovem | 21 |
| Meia-idade | 22 |
| Maturidade | 23 |
| Conclusão | 24 |
| Psicologia do ego | 25 |
| Referências e bibliografia de apoio | 26 |

SUMÁRIO

Introdução

Contextualização biográfica.

Epigênese e individuação. Condicionantes sociais. Ciclo vital: conflito; crise; fases. Identidade.

Fases do ciclo vital

Bebê (até cerca dos 18 meses de vida): estádio sensorial

Sentimento: **confiança** versus desconfiança básica

1ª infância (dos 18 meses aos cerca de 3 anos): fase do desenvolvimento muscular

Sentimento: **autonomia** versus vergonha e dúvida

2ª infância (dos 3 aos cerca de 5 anos): fase do controle locomotor

Sentimento: **iniciativa** versus culpa

Idade escolar (dos 5 aos cerca de 13 anos): período de latência

Sentimento: **engenho** versus inferioridade

Puberdade e adolescência (dos 13 aos cerca de 21 anos): fase da moratória psicossocial

Sentimento: **identidade** versus confusão de papéis.

Adulto jovem (dos 21 anos até cerca dos 40): fase da maioridade jovem

Sentimento: **intimidade** versus isolamento.

Meia-idade (dos 40 anos até cerca de 60): fase da maioridade

Sentimento: “**generatividade**” versus estagnação.

Idade da reforma (para além dos 60 anos): fase da maturidade

Sentimento: **integridade** versus desespero.

Psicologia do *Ego*

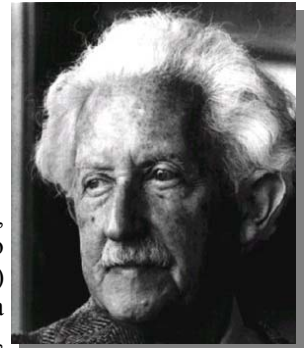
Na sua heterodoxia, a perspectiva da personalidade de Erikson é mais positiva (menos depressiva) que a de Freud. Sobretudo na medida em que, se o indivíduo é responsabilizado pelo seu desenvolvimento, também resulta num certo clima de optimismo o ponto de vista de que em cada estado as pessoas podem modificar o seu comportamento. Ou seja, de que não são aceitáveis padrões fixos e imutáveis, uma vez submetidos ao tempo e a experiências adequadas.

Introdução

CONTEXTUALIZAÇÃO BIOGRÁFICA

De pai protestante e mãe judia, nasce Erik Homburger Erikson a 15 de Junho de 1902, vindo a morrer em 1994. Os pais, ambos dinamarqueses, tinham-se separado antes do seu nascimento. Estando a mãe de visita a uns amigos em Karlsruhe (Alemanha) aquando do seu nascimento, aí ficou. Veio a casar anos mais tarde com o pediatra da criança, um médico judeu bem estabelecido. E foi junto deste que se formou Erikson, vindo a consubstanciar pela vida fora um padrão repetido de se fazer adoptar por pessoas simpáticas.

Durante a conturbada **adolescência** esse jovem alto e louro foi encarado como gentio no ambiente judeu a que pertencia o pai, e como judeu na escola que frequentava. Das suas recordações sobre os pais ficou a de uma imagem amável, triste, literata e dada às artes, para a mãe; e a de uma pessoa profissionalmente respeitada para o pai. Na escola de humanidades da luterana Karlsruhe, Erikson estudou Grego, Latim, Filosofia, Literatura, e Ciências; e assim concluiu, aos 18 anos, um curso secundário que lhe proporcionou bases sólidas. Sempre inquieto, assumiu a sua impaciência em relação ao ensino formal optando por não seguir para a Universidade. Interessou-se sobretudo por arte, preferindo viajar; enquanto lia, desenhava, e esculpia em madeira. Um ano depois, de regresso, primeiro em Karlsruhe e depois em Munique, experimentou inscrever-se num curso de arte. Com algum sucesso apesar do pouco empenho. Pelos 21 anos, reconhecendo-se desprovido de inclinação para suportar as constrações do ensino convencional, Erikson foi viver para Florença, onde deu continuidade informal ao seu estudo sobre arte. Nessa altura era relativamente frequente entre os jovens alemães deambular desse modo,



Erik Erikson (1902-1994)

⁽¹⁾ Robert Coles

pelo que Erikson, como diz o seu biógrafo⁽¹⁾, pôde “atravessar os seus anos de rebeldia e confusão sem que por isso se sentisse particularmente excluído, e como tal remetido para comportamentos defensivos; antes podendo explorar os limites do seu próprio *momentum*.” E assim mitigando as asperezas da **crise de identidade**, atravessou ele o que mais tarde viria a chamar de **moratória psicossocial**.

Pelos 24-25 anos tinha concluído a sua passagem para a fase do **adulto jovem**: de volta a Karlsruhe, estava preparado para estruturar o início da sua vida adulta em torno do ensino de arte. No ano de 1927 tinha Freud 71 anos, e a sua filha mais nova, Anna, uma educadora e psicanalista, tinha-se lançado no empreendimento de uma escola de orientação analítica para crianças. Erikson também se tinha envolvido no ensino infantil⁽¹⁾, e além disso andava a fazer psicanálise didáctica com a Anna Freud no Instituto de Psicanálise de Viena. Ora nessa altura, para dizer o mínimo, qualquer tentativa de abordagem analítica ao tratamento ou ensino de crianças era considerada como uma proposta bastante radical. Dos Freud, com as suas propostas educacionais e terapêuticas, poder-se-ia dizer que eram suficientemente não alinhados com as concepções dominantes, para que Erikson conseguisse encontrar o seu lugar entre eles. Pode mesmo reconhecer-se que em 1927 havia uma certa afinidade configuracional entre a sua história pessoal e a história da psicanálise enquanto profissão. Mas qual era então o papel de um artista novato e sem formação académica entre os teóricos e intelectuais de nível tão elevado como os do Instituto de Psicanálise de Viena? Erikson recorda esta mudança epifânica com a sua analista: “Observando eu uma vez mais que não percebia qual a razão de ser para o enquadramento das minhas tendências artísticas num contexto intelectual de tão elevado gabarito, Anna respondia simplesmente: ‘Podes ajudar a compreender.’” Tal como para Freud os sonhos tinham sido a principal via de acesso ao inconsciente, Erikson reconhecia agora na **observação das brincadeiras infantis** a via para compreender o *ego* e o seu desenvolvimento. Permaneceu em Viena por mais seis anos, até 1933. E assim foi que entretanto o foco do seu interesse artístico pela natureza se foi deslocando para a análise infantil, em aprendendo psicanálise através do estudo das brincadeiras; bem como de par com as suas próprias associações livres enquanto paciente. Desse modo, sob supervisão de Anna Freud, foi

⁽¹⁾ Pela mão de Peter Blos

adquirindo perícia clínica. Relativamente ao agora idoso e doente Freud, a sua relação distante resumia-se a uma certa admiração. Igualmente importante nessa altura foi o bem sucedido compromisso que nasceu então, no sentido em que se tornou outro dos elementos fulcrais na determinação da estrutura do seu percurso vital. Com efeito veio a conhecer em Viena Joan Serson, uma americana que viria a ser sua mulher. Esta tinha um título de mestre em sociologia, e interessava-se por dança moderna, educação e psicanálise; o que, a par de uma enorme habilidade como escritora, veio a sedimentar a excelente e talentosa colaboração intelectual de toda uma vida. Publicaram mesmo vários artigos em co-autoria, e na atribuição da regência em Harvard a cadeira veio a ficar com o primeiro nome de ambos como titulares. Atravessava agora um período de plena actividade que mais tarde viria a caracterizar como a fase do desenvolvimento em que o *ego* se polariza entre **intimidade** e isolamento.

Quando em 1933 Erikson se formou pelo Instituto de Psicanálise de Viena, o envolvente espectro Nazi/Fascista pairava sobre a Europa. E como para ele o lar sempre tinha sido fortuitamente adoptivo, decidiu então seguir uma oportunidade surgida de ir para os Estados Unidos. Aí se tornou, em Boston onde se radicara, o primeiro psicanalista infantil; bem como membro da Faculdade de Medicina de Harvard, onde se juntou ao grupo de investigadores da personalidade que trabalhava na Clínica de Psicologia sob a orientação de Henry Murray. Neste novo domicílio, com uma profissão igualmente nova como professor, e com o nascimento dos seus filhos Kai e Jon, Erikson estava já bastante diferente do que tinha sido aos vinte e tal anos. Aos 30-31 era agora marido, pai, e psicanalista infantil.

Em 1936 Erikson fez-se de novo “à estrada”, desta vez para ir para o Instituto de Relações Humanas do departamento de psiquiatria da Universidade de Yale. Embora já o trouxesse da Clínica de Psicologia de Harvard, o tipo de trabalho interdisciplinar do instituto veio reforçar o seu interesse pela investigação transcultural. E é desse modo que em 1938, com outro colega, se vem juntar a uma expedição para estudar os índios *Sioux* no Dakota do sul. Na reserva de *Pine Ridge* observou então crianças, entrevistou adultos, e estudou as suas práticas educativas. Em 1939 os Erikson foram para a Califórnia, juntando-se ele em Berkeley à Faculdade da Universidade local a cujo convite respondera. E por aí permaneceu durante dez anos, o período mais longo sem mudar de sítio desde os tempos da sua adolescência em Karlsruhe. Inicialmente deu continuidade à sua

investigação transcultural, desta feita com os índios *Yurok* do norte da Califórnia. Nesse apogeu da vida, iniciado aos 37 anos, viu concretizarem-se as expectativas dos seus tempos de juventude. Pode mesmo dizer-se que esta fase do desenvolvimento em que o indivíduo se assume “**senhor de si mesmo**” se tornou aparente, primeiro, quando mudou o seu primeiro nome de Homburger — que reteve no meio — para Erikson. Depois, ao recusar-se a assinar o juramento de lealdade anti-comunista da universidade. Mas aos 40, na passagem da meia-idade, algo de novo surgiu. Tal como acontece em condições normais de desenvolvimento bem sucedido, Erikson foi encontrando o seu percurso por entre as exigências que lhe impunha a realidade. Passou então a interessar-se mais pelos aspectos do ciclo vital relacionados com a vida adulta. Estava em curso a segunda guerra mundial, com a qual se preocupava bastante; o que o levou mesmo a dedicar parte da sua atenção a esse esforço de guerra, seja através de artigos sobre habitação submarina, ou ainda sobre interrogatórios a prisioneiros de guerra. Deu igualmente continuidade à sua investigação em torno das brincadeiras infantis. No entanto, pouco tempo depois passou a orientar a sua obra para uma vertente mais biográfica, começando exactamente com um primeiro ensaio sobre Adolfo Hitler e os aspectos da dinâmica psicossocial dos seus apelos aos jovens Alemães⁽¹⁾. Mas também sobre o escritor russo Máximo Gorky e outros estudos biográficos sobre Sigmund Freud, Martin Luther, e Mohandas Gandhi. Estudos estes que, de certo modo, vieram dar continuidade à experiência adquirida junto de Murray. Mas o marco mais importante dessa altura, entre os seus 37 e 47 anos, foi a obra que começou a escrever aos 42, e em que foi trabalhando até aos 46: *Childhood and Society*. De facto, publicada em 1950, esta é considerada a justo título o seu principal legado. Resultou em grande parte das suas primeiras investigações, bem como da experiência decorrente e da integração de ambas, documentando-se em casos clínicos em que a psicodinâmica individual, a sociedade, e a história se entremeiam com uma perícia nunca vista até então, através da análise do jogo entre as crianças, e do desenvolvimento em diversas culturas. Trata-se pois de um esboço teórico sobre todo o ciclo vital com aspectos importantes sobre o problema da identidade. Em termos de desenvolvimento, a tarefa principal da **meia-idade** é concluir a estrutura vital no sentido de iniciar uma outra mais adequada para esta fase da vida. *Childhood and Society* constitui exactamente o produto do esforço de

⁽¹⁾ *Hitler's Imagery and German Youth*, 1942

Erikson nesse seu período de **transição**. Destinou-a a ser um contributo para a formação em psiquiatria de clínicos de várias áreas, mas a obra ultrapassou em larga medida as expectativas mais ambiciosas do autor, conquistando o seu próprio caminho traçado através dos diversos sectores académicos, e inclusivamente transcendendo-os.

Ciclo Vital

Os conceitos oriundos da psicanálise foram invadindo todas as áreas de reflexão que com ela confinavam, tornando-se aquisições da cultura. Mas pensadores como Erikson caracterizam-se exactamente pela sua heterodoxia. De facto, e em relação ao desenvolvimento da personalidade, reconheceu a importância atribuída por Freud às pulsões instintuais e às fases do desenvolvimento psicossocial caracterizadas pela predominância da respectiva zona erógena; mas veio a pôr a tónica nas interacções da criança com o **ambiente**. Na linha dos neo-freudianos veio a conferir ao pensamento uma vertente mais social, uma maior impregnação cultural se se preferir, libertando-o um pouco mais das condicionantes intrapsíquicas de base biológica.

As observações efectuadas entre várias tribos ameríndias, no seu interesse pela antropologia, confrontando-o com o desenraizamento e suas relações com a disparidade entre a cultura tradicional e a pressão dos estilos de vida circundantes, levaram-no a interrogar-se sobre o processo através do qual se desenvolve a identidade. O que veio a resultar na conhecida teoria do desenvolvimento psicossocial — individuação — em oito fases. Em cada uma das fases a pessoa tem de resolver sucessivamente uma crise resultante do conflito com o qual o meio social o confronta. Com a solução de uma crise ascende epigeneticamente um determinado componente da personalidade. Isto é, desenvolvem-se determinados sentimentos. No entanto Erikson realça sempre que, pese embora a resolução do conflito característico de uma determinada fase se possa ter dado adequadamente, o mesmo tipo de

problemática pode recorrer mais tarde e obrigar de novo ao mesmo tipo de trabalho interior. Ou pelo contrário, que um conflito não resolvido pode vir a equacionar-se correctamente mais tarde, se circunstâncias favoráveis assim o propiciarem.

Em autêntico contraponto com o trabalho que foi desenvolvendo ao longo da sua própria vida, Erikson concebeu o desenvolvimento do *ego* em oito fases durante o ciclo vital. Foi depois depurando tais propostas em trabalhos subsequentes, servindo de mote a inúmeros estudos em torno do desenvolvimento do *ego*. Num processo de desenvolvimento contínuo, as oito fases representam determinados momentos em que as mudanças físicas, cognitivas, instintuais, e sexuais, se combinam para desencadear uma crise interna, de cuja resolução pode resultar uma regressão psicossocial, é certo, mas também pelo contrário, e em condições normais, a epigénese de determinadas virtudes inerentes a uma certa forma de crescimento. De realçar a este propósito que Erikson, em *Insight and Responsibility*, definiu virtude como "força inerente", do género do princípio activo de um medicamento ou de uma bebida. Sobre a crise escreveu ele em *Identity: Youth and Crisis* que esta não se refere a uma "ameaça de catástrofe, mas antes a um ponto de viragem, a um período crucial de elevado potencial, mas também de vulnerabilidade aumentada; e conseqüentemente, a fonte ontogénica de força geradora ou antes de inadequação."

ESTÁDIO SENSORIAL: ATÉ CERCA DOS 18 MESES DE VIDA (BEBÊ)

Relações significativas: pessoa maternal

Modalidades do relacionamento: obter, devolver

Crise psicossocial (sentimento): **confiança** versus **desconfiança** (básica)

Resultado favorável (virtude associada): impulso e esperança

Precursos da formação da identidade: reconhecimento mútuo versus isolamento autístico

Fortalecedores da formação da identidade: perspectivação versus confusão no tempo

Psicopatologia relacionada: psicose, comportamento “aditivo”, depressão

A criança vai construindo a sua teoria do mundo à custa do que lhe chega através dos sentidos, sendo que numa primeira fase isso se prende necessariamente ao comportamento das figuras significativas do meio; e designadamente com a mãe ou seu substituto nessa modalidade de relação afectiva em que o prazer resulta sobretudo da alimentação. Nesta fase, servindo de base para a emergência do sentimento de **confiança**, está sobretudo em causa a **mutualidade do reconhecimento** com a mãe: se a figura materna reagir adequadamente aos sinais da criança, e portanto com continuidade e coerência, seja

Reconhecimento mútuo e sintonia afectiva



nutrindo e conferindo tranquilidade, esta poderá estruturar o seu mundo na medida em que, ao reconhecer algo de regular e acolhedor no ambiente, este se torna previsível, caloroso, e não ameaçador. Assim se desenvolvem sentimentos de segurança: a criança cresce confiante posto que a esperança é possível.

Em contrapartida se o comportamento da mãe é errático, se a mãe por qualquer razão não está atenta ou não tem sensibilidade para os sinais do seu bebê, então o mundo surge caótico e imprevisível, e a criança, despojada de afecto, cresce receosa, medrosa, assustada, sedimentando a **desconfiança**. E isto pode simplesmente traduzir-se em termos de estruturação psicopatológica, não sendo nunca de mais realçar que, tal como a nível do desenvolvimento biológico embrionário, também a nível do desenvolvimento mental quão mais precoces se estabelecerem as perturbações, mais determinantes e graves serão as respectivas consequências, dado que mais será tão mais abrangido o contingente de estruturas subsequentemente dependentes da linhagem atingida.

No entanto reconhece-se que nada disto é definitivo, isto é, que experiências ulteriores podem levar a uma alteração significativa dessas tendências precoces: outras pessoas, que não só os familiares próximos, podem levar ao desenvolvimento de sentimentos de confiança numa criança insegura; tal como experiências traumáticas podem pôr em causa os sentimentos de segurança e autoconfiança desenvolvidos anteriormente. No entanto também aqui a questão da precocidade tem uma palavra a dizer, dado que é lícito afirmar hoje com toda a convicção que ao nascimento o sistema nervoso está longe de ser “obra acabada e fechada”, antes se podendo dizer que se vai desenvolvendo paulatinamente pelo menos até à idade adulta. E é no contexto desta plasticidade a nível do estabelecimento de conexões sinápticas, que se reconhece na aprendizagem o modelo de estabelecimento das redes neuronais onde se inscrevem tais vivências. Mais ainda se reconhecem hoje os fundamentos biológicos da importância evolutiva fulcral de processos precoces de aprendizagem rápida e indelével a nível do reconhecimento presto de potenciais ameaças e consequente reacção de retraimento.

DESENVOLVIMENTO MUSCULAR: DOS 18 MESES AOS CERCA DE 3 ANOS (1ª INFÂNCIA)

Relações significativas: pessoas dos pais

Modalidades do relacionamento: manter, abandonar

Crise psicossocial (sentimento): **autonomia versus vergonha e dúvida**

Resultado favorável (virtude associada): autocontrole e força de vontade

Precursores da formação da identidade: auto-afirmação *versus* incerteza

Fortalecedores da formação da identidade: autoconfiança *versus* egocentrismo

Psicopatologia relacionada: paranóia, obsessões, compulsões, impulsividade



*Desenvolvimento muscular:
manipulação, exploração, etc*

Mercê da sua maturação, a criança começa agora a explorar activamente o seu meio. Se os pais aceitam e encorajam as novas habilidades da criança (andar, trepar, falar, *etc.*), esta vai interagindo progressivamente melhor com ele; pelo que desenvolve o sentido de independência e **autonomia**.

Se pelo contrário a superprotegem, tudo fazendo em seu lugar, criticando e limitando-lhe a liberdade, seja alegando acautelamento do perigo⁽¹⁾, então resultará retraimento e dúvida, numa auto-imagem dominada pela culpa e por uma **incerteza** relativamente às suas capacidades que mais tarde se virá a revelar particularmente limitativa; posto que a organização social requer comportamento autónomo. Aos pais compete encontrar o equilíbrio adequado entre os extremos da superprotecção e do desleixo total relativamente à supervisão das actividades potencialmente perigosas da criança. O que não se pode é impedir a criança de experimentar

⁽¹⁾ Inerente aos riscos com possíveis causas de ferimentos (escadas, facas, *etc.*), com os produtos de limpeza, *etc.*

invocando o perigo como justificação para a falta de disponibilidade a que isso obriga... à partida a criança não sabe comer sozinha e suja tudo à sua volta, mas deixá-lo, não pode ser de outra maneira; terá de tentar apertar os sapatos mesmo que manifestamente o não consiga, e isso obrigue a perder algum tempo com a supervisão. Não deve pois rematar-se tratando (mal) a criança como um adulto incapaz, e atalhar os seus comportamentos com maus modos traduzidos em comentários impróprios e no impedimento de experimentar e de assim se aperfeiçoar.

CONTROLO LOCOMOTOR: DOS 3 AOS 5 ANOS (2ª INFÂNCIA)

Relações significativas: família nuclear

Modalidades do relacionamento: fazer (procurar), fazer de conta (brincar)

Crise psicossocial (sentimento): **iniciativa versus culpa**

Resultado favorável (virtude associada): orientação e objectivo

Precusores da formação da identidade: antecipação de papeis *versus* inibição de papeis

Fortalecedores da formação da identidade: experimentação de papeis *versus* fixação

Psicopatologia relacionada: conversão, fobia, manifestações psicossomáticas, inibição

Mais do que um mero recipiente passivo do que o meio lhe dá, a criança aprende a fazer coisas por **iniciativa** própria: brinca, explora, planeia, *etc.* E esse iniciar de actividades vai-lhe facultando uma aprendizagem no sentido de lidar de modo progressivamente mais eficaz com o ambiente, tendo em vista alcançar os seus próprios fins. Ao “fazer de conta” experimenta papéis e testa projectos imaginários aprendendo assim a tomar iniciativas.

Mas com o controlo locomotor aumenta também o potencial de gravidade dos perigos a que a criança está sujeita, pelo que os pais a justo título ficam

Controlo locomotor...



mais preocupados. De notar ainda que as figuras significativas do meio se vão diversificando, incluindo nesta altura os circum-viventes, e que é a estes que compete naturalmente proteger a criança de fantasias descontroladas e de envolvimento em actividades potencialmente perigosas⁽¹⁾, também devem aprovar e mesmo estimular iniciativas desse tipo.

Mas se a vigilância ceder lugar à proibição, e os projectos imaginados e outras actividades infantis desse género forem sistematicamente desvalorizados — como se a sua autoria se devesse a um adulto com um modelo inadequado do mundo —, então não só não se estará a ensinar nada, como até antes pelo contrário se estará a desencorajar a curiosidade e a capacidade de tomar iniciativas. Mais do que a dúvida sobre o mérito ou demérito



dos **objectivos**, pode acabar por se estabelecer uma certa falta de propósitos, ou mesmo sentimentos de ambivalência e **vergonha** em se reconhecendo o assolamento por “tais” **aspirações** que de algum modo se aprendeu a considerar impróprias. De facto ter ambições é condição necessária para assumir iniciativas, e só com a tentativa, só com a assunção dos riscos, é que a experiência pode levar a que se consiga vencer a inepcia e alcançar alguma coisa na vida.

Actividades potencialmente perigosas: aqui, imitando a mãe a pôr creme na cara... felizmente um cosmético inofensivo

⁽¹⁾ Tome-se como exemplo a criança que, com a atenção centrada na mãe do outro lado da rua, em segundos atravessa em direcção à mesma ignorando os carros que passam a todo o momento... é a célebre observação que fazem os condutores de que “atrás da bola vem sempre a criança!”

PERÍODO DE LATÊNCIA: DOS 5 AOS CERCA DE 13 ANOS (IDADE ESCOLAR)

Relações significativas: círculo de relações familiares, escola

Modalidades do relacionamento: fazer coisas (competir), fazer coisas em conjunto

Crise psicossocial (sentimento): **engenho**, trabalho *versus* **inferioridade**

Resultado favorável (virtude associada): método e competência

Precusores da formação da identidade: reconhecimento de tarefas *versus* sensação de futilidade

Fortalecedores da formação da identidade: aprendizagem *versus* paralisia laboral

Psicopatologia relacionada: inibição da criatividade, inércia

Resolvidas satisfatoriamente as fases anteriores, confiança, autonomia e iniciativa desenvolvem-se ainda mais nesta fase. As capacidades aumentadas da criança permitem-lhe agora controlar melhor os impulsos que começam a ceder lugar a um prazer mais mediato, isto é, a criança já consegue antecipar uma gratificação ulterior, pelo que aceita sacrificar-se na ausência de recompensa imediata. E isto permite-lhe estar atenta, e ser **diligente, perseverante**, esforçada e responsável. O seu mundo estende-se agora à escola, ultrapassando assim a família que não no seu peso afectivo; e é deste modo que esta, reconhecendo a habilidade através do elogio e da recompensa, pode reforçar um sentimento de ser **industrioso** que ajude a estruturar uma auto-estima fundamentada em cometimentos.

Esta é pois a fase da escola primária, altura em que se aprendem muitas coisas que serão fundamentais pela vida fora. Desde logo o treino da **responsabilidade** seja através dos deveres e trabalhos de casa. Em relação a estas actividades o sucesso resulta essencialmente do empenho esforçado em função das capacidades. Se os pais elogiam os resultados positivos, a criança sentir-se-á naturalmente orgulhosa do que consegue fazer. Se pelo contrário, tal tipo de esforço for desvalorizado, então podem estabelecer-se **sentimentos de** inadequação ou **inferioridade**.



MORATÓRIA PSICOSSOCIAL: DOS 13 AOS CERCA DE 21 ANOS (PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA)

Relações significativas: grupos de colegas e grupos estranhos; modelos de liderança

Modalidades do relacionamento: ser, ou não, uma pessoa (“alguém”); participar

Crise psicossocial (sentimento): **identidade** e recusa *vs* **confusão de papéis**, identidade difusa

Resultado favorável (virtude associada): devoção e fidelidade

Fortalecedores da formação da identidade: identidade *versus* confusão de papéis

Psicopatologia relacionada: delinquência, perturbação da identidade do género, surtos psicóticos

Terminada a infância inicia-se a adolescência com uma autêntica “revolução fisiológica” (Erikson), a que acresce uma demanda de identidade entre as diferentes que se vão explorando - **crise da identidade**. De facto, pese embora o púbere esteja longe ainda de ser um adulto, gostando mesmo de afirmar as diferenças em relação a estes, o certo é que por um lado a maturidade biológica, seja a nível da genitalidade, e por outro a capacidade intelectual de abstracção, compelem-no para fora do mundo infantil. E é nesta moratória entre dois mundos — infantil e adulto — que o adolescente é chamado a desempenhar e lhe é dado experimentar múltiplos papéis de entre os muitos que se lhe oferecem⁽¹⁾; ora é neste contexto que o seu *ego*, tentando estabelecer um sentido de coerência no *self*, se pergunta sobre quem é como pessoa, o que vale, qual a impressão que causa nos outros, *etc*. Neste processo em que o jovem se tenta encontrar e afirmar, experimentando papéis sobretudo no seio do grupo de iguais entre os quais se revê,. Vai estabelecendo aos poucos aquilo que é ou quer ser, e aquilo que não é e em que não se revê; aquilo de que gosta, e aquilo de que não

Busca da identidade: valor da impressão causada nos outros.

⁽¹⁾ Seja por exemplo através de identificação projectiva com figuras de referência que admira.



gosta; os papéis em que se sente bem, e os que lhe são estranhos e portanto se recusa a desempenhar. Embora acompanhada por uma orientação estruturadora, naturalmente, a liberdade para explorar o meio através da identificação⁽¹⁾ é essencial, pois permite-lhe desenvolver um sentido de identidade do *ego* firme e adequado: que conhece os seus talentos, aptidões e capacidades, mas que também tem um sentido adequado das suas limitações; que tem as suas defesas contra ameaças e angústias, inerentes à expressão dos impulsos, necessidades, através dos papéis que adoptou por considerar que melhor se adaptavam à sua maneira de ser.

Nessa **confusão de papéis**, entre entrega sem reservas e receio de rejeição, sentindo-se isolado, vazio, angustiado e indeciso, pode o adolescente, pelo contrário, não aceitar a integração no complexo mundo dos adultos com a necessária adopção de uma identidade social, antes fixando-se a formas imaturas de reagir. E para as dificuldades desta travessia contribuem por vezes os pais quando, na sua preocupação vigilante, tentam ocultar partes significativas da realidade tidas como indesejáveis ou menos próprias⁽²⁾. Só que isso em nada contribui para o sucesso da subsequente integração social, uma vez que ao tentarem fazer com que ele só contacte com o que do seu ponto de vista lhe convém, impedem o reconhecimento de significativas porções da realidade, o que vem a resultar num modo de lidar com o desconhecido por meio de retraimento, uma vez que contribui para a elaboração de um modelo mental do mundo adulterado, e como tal inadequado a uma interação eficaz.

⁽¹⁾ Mas também para ensaiar a lealdade no seio do grupo.

⁽²⁾ Recordaria a propósito a história do jovem Buda em relação ao qual a preocupação paterna, face às premonições feitas aquando do seu nascimento, levou a ocultar o sofrimento deste mundo... com resultados paradoxais em relação às suas pretensões relativas ao herdeiro.

MAIORIDADE JOVEM: DOS 21 ANOS ATÉ CERCA DOS 40 (ADULTO JOVEM)

Relações significativas: companheiros de amizade, sexo, competição, cooperação

Modalidades do relacionamento: perder-se e encontrar-se no outro

Crise psicossocial (sentimento): **intimidade** e solidariedade *versus* **isolamento**.

Resultado favorável (virtude associada): associação e amor

Fortalecedores da formação da identidade: polarização sexual *versus* confusão bissexual

Psicopatologia relacionada: personalidade esquizóide, evitamento, discriminação

O jovem que desenvolveu um sentimento de identidade com o qual se sente à vontade, pode agora almejar a ter relações de maior **intimidade** com os outros, pois não receia perder o sentido de si mesmo, diluindo-se ao aprofundar relações de amor e compromisso; sejam elas de índole sexual ou não. De facto estas relações, se podem ser gratificantes, também não são isentas de perigos, uma vez que, por entre desacordo, dominação, hostilidade, e desilusão, podem não resultar. Ora o medo de que isso possa acontecer, de que possa haver rejeição, pode levar a evitar correr o risco. E deste modo, a não resolução deste conflito acaba eventualmente por levar ao evitamento e ao **isolamento**... pese embora se possa ter uma vida social (reactivamente) intensa. Só que através de relações de facto superficiais. Aliás, como se disse, isto poderá acontecer com tanto mais probabilidade quanto alicerçado em sentimentos resultantes de anteriores conflitos mal resolvidos. De facto, uma pessoa desconfiada, de “pé atrás”, com temor pelo fracasso e rejeição, tem dificuldade em tomar iniciativas, e como tal, também sente dificuldade em estabelecer relações amorosas. Mas para além disso, se por qualquer forma o relacionamento acaba por acontecer, remete-se com frequência para um contrato de interesses a dar cobertura ao jogo de aparências que encobre uma “solidão a dois”, quantas vezes com um pano de fundo sado-masoquista que nada deve à gratificação resultante da necessária entrega mútua.



Dúvidas no envolvimento com compromisso.

MEIA-IDADE: DOS 40 ANOS ATÉ CERCA DOS 60 (ADULTO)

Relações significativas: repartição do trabalho e partilha no lar

Modalidades do relacionamento: criar, cuidar

Crise psicossocial (sentimento): **generatividade**, produtividade vs **estagnação**, imersão em si

Resultado favorável (virtude associada): produção e cuidado, carinho

Fortalecedores da formação da identidade: liderança e proselitismo *versus* desresponsabilização

Psicopatologia relacionada: crise da meia-idade, invalidez prematura



Senhor de si próprio

“**Generatividade**”, para Erikson, inclui casar, ter filhos, e o sentido de trabalhar produtiva e criativamente. Envolve ainda um certo altruísmo e o desejo de ajudar quem precisa. Exprime-se na preocupação, não só com os próprios filhos, mas também com as gerações vindouras; não só com os pais, mas com os idosos em geral; não só com o bem-estar em sua casa, mas com o bem-estar no espaço comunitário. E sempre assim: satisfeito com o trabalho e a família, o “generativo” mostra-se pronto para ajudar os outros.

Nesta fase a pessoa pode pois alcançar uma perspectiva mais alargada do mundo ao reflectir sobre o seu papel na vida e no mundo, preocupando-se com dar sentido ao que faz, sentindo-se útil e parte de uma comunidade; e assim desenvolvendo, normalmente, sentimentos de *generatividade* solidariiedade.

Em contrapartida podemos deparar-nos com o “reverso da medalha” num indivíduo que pouco quer saber dos outros, um egocêntrico cuja vida estagnou numa certa forma de “invalidez prematura”, e para o qual a satisfação que encontra na vida resulta unicamente da sua gratificação pessoal.

MATURIDADE: PARA ALÉM DOS 60 ANOS (IDADE DA REFORMA)

Relações significativas: Humanidade, a classe daqueles a que pertença

Modalidades do relacionamento: ser na medida em que se foi; enfrentar o não ser

Crise psicossocial (sentimento): **integridade versus desesperança**

Resultado favorável (virtude associada): renúncia e sabedoria

Fortalecedores da formação da identidade: empenhamento ideológico *versus* confusão de valores

Psicopatologia relacionada: alienação extrema, desespero

O indivíduo que sente aproximar-se o fim da vida, que sabe já não ter muito pela frente, vê-se forçado a olhar para trás e contemplar o que fez, ou não, e o que foi como pessoa; e daí pode então resultar um sentido de **integridade** e satisfação, ou antes pelo contrário de amargura e inaceitação do confronto com a morte. Não se trata aqui de integridade moral, mas antes de integridade no sentido de inteireza, no sentido de plenitude. De facto o que são e fazem é o que serão e farão; já não presumem qualquer alteração significativa. É a altura de fazer um balanço e reflectir. E o saldo será positivo se as crises se foram resolvendo devidamente, na medida em que é isso que confere ao percurso um significado integrador, e permite ao indivíduo prefigurar-se sabedor e sensato. O indivíduo sente-se parte de algo que o transcende, e que nessa mesma medida a sua vida faz sentido.

“A sua preocupação face à morte vira-se para a vida em si mesma.” (Erikson, 1964: 133).

Por outro lado a não resolução das crises anteriores reflecte-se em amargura, na “sensação de que o tempo é pouco, demasiado curto para tentar começar nova vida e vias alternativas para a integridade.” Para estes, a inevitabilidade da morte torna-se realmente difícil de aceitar, traduzindo-se em quadros oscilando entre a depressão e uma enorme agressividade deslocada.

Num paralelo entre o primeiro e o último estágio, Erikson comenta sinopticamente que “as crianças saudáveis não terão receio da vida, se os seus idosos tiverem integridade suficiente para não recear a morte.”

Continuidade para um ciclo satisfatório.



Conclusão

Tal como nas fases do desenvolvimento psicosexual de Sigmund Freud e Karl Abraham, também a perspectiva de Erikson é desenvolvimentista, e a maior elaboração das fases que propõe para o desenvolvimento do *ego* referem-se à infância e à adolescência. No entanto, distancia-se daquela concepção porquanto o reconhecimento das fases resulta das interações psicossociais. Ou seja, nelas, mais do que uma mera sucessão biologicamente determinada de processos neurofisiológicos, descrevem-se os passos cruciais de maturação do *ego* na sua relação com o meio social. E onde a teoria do desenvolvimento freudiana se fecha sobre si mesma com a adolescência, Erikson continua a caracterizar os processos envolvidos durante as fases do desenvolvimento que se seguem, da juventude, através da meia-idade, e até à idade avançada.

Tal como Freud, também Erikson procura reconhecer em aspectos transculturais a universalidade das suas reflexões. Neste caso sobre as oito fases que considera partes inelutáveis do ciclo vital humano; se bem que reconheça desde logo que cada pessoa as pode passar de maneiras diferentes conforme a cultura envolvente, as circunstâncias concretas, e a personalidade. Este modelo do desenvolvimento psicossocial foi por ele concebido a partir do princípio epigenético do crescimento organísmico *in utero*, encarando-o desse modo como um processo faseado em que as coisas se sucedem a dada altura, e de acordo com determinada ordem,... no que dependem criticamente do que as antecede, e vão condicionar o que lhes sucede. Mas também reconhece que o trabalho de elaboração em determinada fase, nunca é final: um antigo conflito pode ser reactivado a qualquer momento por um episódio vivenciado como crítico.

Na sua heterodoxia esta perspectiva da personalidade é mais positiva e menos depressiva que a de Freud. Sobretudo na medida em que, se deste ponto de vista o indivíduo é agora co-responsabilizado pelo seu desenvolvimento, isso acaba por também resultar num certo clima de optimismo. Seja na medida em que as pessoas têm nas mãos o seu próprio destino, dado que têm ao seu alcance, em cada estado, a possibilidade de modificar o seu comportamento. Ou seja, os padrões fixos e imutáveis não são mais aceitáveis, uma vez submetidos ao tempo e caldeados por experiências adequadas.

Psicologia do *Ego*

Enaltecendo a relação entre o indivíduo e a sociedade em que se insere, a chamada psicologia do *ego* foi provavelmente o maior desenvolvimento psicanalítico pós-freudiano. Com efeito, as formulações do virar do século começavam a mostrar-se profundamente datadas em ordem a providenciar uma compreensão razoável da personalidade. Em termos de funcionamento do *ego* a ênfase posta nos conflitos inconscientes e mecanismos de defesa contra a ansiedade revelava-se profundamente insatisfatória.

Desde logo não aceitam estes autores a diferenciação do *ego* a partir de um *id* cuja primazia, em termos de influência decisiva na vida do indivíduo, igualmente contestam. Antes postulam a existência de um *ego* autónomo, desenvolvendo-se a partir de um núcleo prototípico próprio, e no qual passa a haver lugar para uma esfera de actividades cognitivas — percepção, atenção, memória, e aprendizagem — presididas por outros desígnios que não puramente instintuais. A satisfação resulta agora também da manipulação, da exploração, e de sentimentos de competência e de conseguir fazer coisas.

Referências e bibliografia de apoio

1. Coles R. *Erik H. Erikson: The Growth of His Work*. Boston: Little Brown, 1970
2. Erikson E. Identity and the life cycle. In: *Psychological Issues*. New York: International Universities Press, 1959. I: 1-71.
3. Erikson E. *Childhood and Society* (2nd ed). New York: Norton, 1963.
4. Erikson E. *Insight and Responsibility*. New York: Norton, 1964.
5. Erikson E. *Identity, Youth and Crisis*. New York: Norton, 1968. [tr. port. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.]
6. Friedman L. *Identity's Architect. A biography of Erik H. Erikson*. New York: Scribner, 1999.
7. Kaplan & Sadock (eds). *Comprehensive Textbook of Psychiatry / VI* (6th ed. - CD ROM). Williams & Wilkins, 1995.
8. Kimble G, Garnezy N, Zigler E (eds). *Principles of Psychology* (6th ed). New York: John Wiley & Sons, 1984



Productions

